

Sociedade

Com UTIs esgotadas, Rio planeja testagem em massa

Rede do SUS no estado, que tem 552 vagas de terapia intensiva, registrava ontem fila de 73 pacientes graves de coronavírus à espera de leito. Governador em exercício prometeu exames e aumentar capacidade do sistema

FELIPE GRINBERG, SELMA SCHMIDT E ANDRÉ COELHO
granderio@oglobo.com.br

A nova alta da pandemia do coronavírus no Rio já deixa quem precisa de atendimento numa situação difícil. Pela primeira vez, desde junho, a rede SUS da cidade do Rio de Janeiro atingiu um marco: ontem, a fila por uma vaga em UTI para Covid-19 tinha mais pacientes do que leitos disponíveis. De acordo com a Secretaria municipal de Saúde, a terça-feira de uma semana de grande pressão no sistema público de saúde registrava 513 pacientes internados nos leitos de terapia intensiva na capital — inclusive em vagas estaduais e federais —, atingindo taxa de 93% de ocupação. Com 73 pessoas infectadas à espera de atendimento, isso significa que só 39 ocupariam os poucos leitos disponíveis. Pelos percentuais divulgados, há 552 vagas de UTI na cidade, entre instalações próprias, estaduais e federais. Procurado, a prefeitura do Rio, responsável pela gestão do sistema, não informou a capacidade total da rede.

Apesar do cenário crítico — com aumento de casos e mortes nos últimos dias —, a prefeitura do Rio e o governo estadual não anunciaram qualquer medida para endurecer as regras sanitárias que foram flexibilizadas, o que especialistas acreditam ter sido preponderante para o avanço da doença. O governador em



“Houve um crescimento considerável dos casos positivos, talvez em função de um certo relaxamento do isolamento social”

Hélio Magarino Torres Filho,
diretor médico
do laboratório Richet



Problema se agiganta. A UTI do centro hospitalar da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio: demanda de pacientes graves aumentou nos últimos dias no estado

exercício, Cláudio Castro, disse que não pretende retomar o isolamento social. Ele afirmou que a prioridade será a abertura de novos leitos, além dos 214 anunciados anteriormente durante reunião entre autoridades do Rio e técnicos do Ministério da Saúde. Castro também prometeu anunciar, em 48 horas, um plano de testagem em massa da população que, no entanto, não foi detalhado pelo governo.

—A situação não é tranquila. Já aumentamos 214 leitos de CTI e, em até 48 horas, vamos anunciar postos de diagnóstico precoce, com exame por PCR e por imagem — afirmou Castro, durante coletiva na tarde de ontem.

O governador em exercício disse que fará a testagem, já na próxima semana, com o apoio da União e de prefeituras. Mas nenhuma fonte do governo quis con-

firmar se o acordo de cooperação com a União prevê a utilização dos 6,8 milhões de testes para Covid-19 que estão armazenados, sob risco de perderem a validade.

LABORATÓRIOS CHEIOS

A mudança na curva do coronavírus no estado tem reflexos na rede pública e também na privada. Um dos termômetros são os laboratórios como o Richet, que constatou aumento de 80% na demanda de pessoas por exames de Covid-19. Com 11 unidades no Rio e prestando serviço a toda a rede D'Or, o laboratório, nos últimos dias, constatou que os exames positivos quase duplicaram: passaram de 5.892, em outubro, para 10.016, no dia 23 de novembro. Diretores de laboratórios estão conseguindo atender à demanda, comprando

mais componentes, equipamentos e mudando a rotina de seu pessoal. Mas se mostram preocupados com o atendimento no futuro, se a procura continuar subindo.

— Estamos trabalhando mais porque, mesmo pessoas sem sintomas, estão fazendo (testes). Empresas de navios, escolas, quem vai viajar. Mas, independentemente do aumento dos exames, houve um crescimento considerável dos casos positivos, talvez em função de um certo relaxamento do isolamento social — ressalta Hélio Magarino Torres Filho, diretor médico do Richet, que já teve de lidar com falta de insumos. — Chegaram a faltar ponteiras de plástico para fazer o teste do PCR. O fabricante não tinha como nos entregar a quantidade que precisávamos. Tivemos que passar a usar menos ponteiras. E não

chegamos no auge. Há risco de faltarem testes em algum momento.

Em outra frente, o governador em exercício Cláudio Castro adiantou que pediu a abertura do hospital modular de Nova Iguaçu, uma das unidades prometidas na gestão do governador afastado Wilson Witzel, mas que nunca foi entregue. Apesar disso, ele não explicou como o hospital vai operar. A previsão de Castro é que até 400 novos leitos podem ser abertos no hospital modular e em outras unidades estaduais e municipais.

Sem afirmar que o Rio vive uma segunda onda da pandemia, Cláudio Castro informou que a situação será reavaliada em 15 dias e observou que os números da doença sofrem oscilações devido ao afrouxamento da quarentena e também das eleições

que provocou “muita aglomeração” nas ruas.

— Sabemos que o fim de ano é importantíssimo para a economia. Temos um grau de responsabilidade enorme, e não podemos fazer um alarde sem a certeza de que é uma segunda onda — disse o governador em exercício, que também evitou entrar na polémica sobre qual vacina contra a Covid-19 deve ser comprada, alegando que se trata de decisão técnica que cabe à Anvisa e ao governo federal. Ele afirmou que o governo trabalha com base na ciência, sem influência política, e que a Secretaria de Saúde já estuda um plano de logística para garantir a vacinação no estado quando as doses forem compradas pelo Ministério da Saúde.

REPRESSÃO A AGLOMERAÇÕES

O governador em exercício também afirmou que o Corpo de Bombeiros vai atuar na fiscalização de grandes eventos e dialogar com as prefeituras para aumentar a cobrança do uso de máscara:

— Estaremos em todos os grandes eventos fiscalizando, para que não vejamos mais cenas como as do último fim de semana.

Nos últimos dias, foram muitas as imagens de festas no Rio que reuniram multidões, como um luau na Praia do Arpoador para duas mil pessoas, na Zona Sul.

O Estado do Rio registrou 113 mortes e 2.145 novos casos do novo coronavírus ontem, totalizando oito dias de crescimento das médias móveis da doença. A média móvel de mortes teve alta de 216%, na comparação com duas semanas atrás, o que é o maior índice desde o dia 20 de abril, auge da pandemia. Ao todo, desde o início da pandemia, são 340.833 infectados e 22.141 vidas perdidas em todo o território fluminense.

Colaborou Arthur Leal